

Casais Monteiro e a geração *Presença*

JOSÉ ALBERTO DE ARAÚJO BRAGA (JAAB)
Jornalista, humorista e escritor

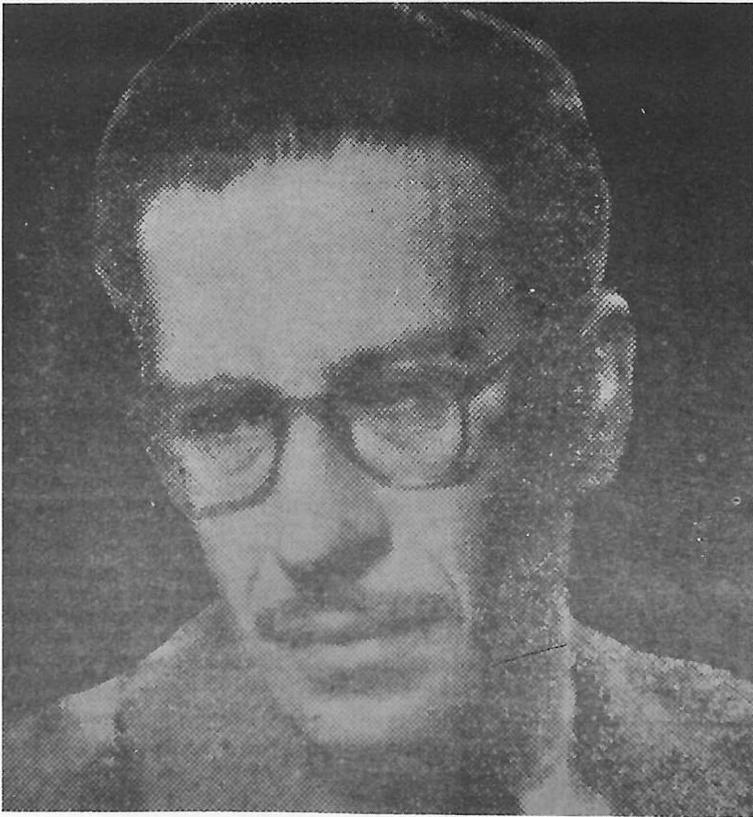
Há 50 anos atrás, mais propriamente a 10 de março de 1927, nascia o movimento “Presença”, que juntou nomes tais como Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e José Régio. Reunidos na revista literária “Folha de Arte Crítica”, editada em Coimbra, estes escritores, a par de Miguel Torga, são os responsáveis pelo surgimento de uma série de figuras literárias que desembocaram no neo-realismo português.

Porém, na geração “Presença”, o nome de Adolfo Casais Monteiro tem valor especial, pois foi ele que, a partir de outubro de 1931, chamou a si a responsabilidade de dar prosseguimento à revista e ao movimento “presencista”. Neste artigo, procuramos dar uma rápida imagem do que foi o referido movimento, bem como a fulgurante atuação de Adolfo Casais Monteiro.

A iniciação literária de Adolfo Casais Monteiro está contida na revista “Presença”. E como a revista “Presença” é fato marcante na vanguarda das letras portuguesas, há que falar sobre esse movimento para que se tenha uma idéia real da importância de Casais.

A revista surgiu em 1927 sob a égide de Branquinho da Fonseca, José Régio e João Gaspar Simões. Tinha duas preocupações básicas: divulgar os “mestres” modernistas que se haviam destacado no “Orpheu”, os conhecidos Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros; divulgar os novos autores considerados malditos nas letras europeias, sobretudo os franceses. Assim, Proust, Gide, Valéry, Apollinaire e Pirandello têm seus trabalhos mostrados e criticados na revista. O artigo “Literatura Viva”, de José Régio, inserido no primeiro número, é uma tomada de posição da geração “presencista”.

* Artigo publicado na Revista de Cultura *Vozes*, vol. LXVI, dezembro de 1972, agora revisito e ampliado pelo autor.



“E arte é vivo tudo o que é original! . . . a emoção que nos produz um belo quadro é idêntica à duma bela sinfonia, ou dum bailado”. Este o verdadeiro, o grande mérito da geração “Presença”; o de elevar o cinema, a pintura e a dança à condição de grandes artes que assim passaram a ser niveladas à endeusada literatura. Daí em diante, as proposições são bem claras: crítica livre contra o jornalismo rotineiro, valorização do individual sobre o coletivo, do psicológico sobre o social, da intuição sobre a razão.

É neste clima efervescente que surge Casais Monteiro, ou melhor, começa a colaborar em 29, embora só em 1931 ele passe a fazer parte da direção da revista. Mais do que qualquer outra, a obra de Casais é fielmente “presencista”, pois que desesperada, viril, personalíssima, inconformista e inquietante. Onde melhor se revela a sua personalidade dualista, talvez seja no autoprefácio que Casais escreve para o seu livro *Versos*. Diz ele: “Aquele que em mim se dispõe a escrever um ensaio, é o homem que encontrou o equilíbrio necessário para sair de si. Este homem, não tem, claro está, as mesmas idéias que o poeta, porque, no poeta, as idéias ainda estão por nascer; ou, procurando ser mais claro: porque o poeta é aquele em que uma idéia não matou o canto. Desde o momento que está a pensar, o poeta já não é poeta: está algures. De tudo isto não irá alguém concluir, espero, que o poeta não tenha idéias. Digo apenas que, enquanto está a ser poeta, o poeta não estará a ter idéias”. Assina-

le-se também a frase em que o crítico diz que cai “no detestado vício dos prefácios, mas ao menos, não o fui pedir a ninguém”. Um sintoma saudável de quem estava habituado a ter idéias próprias pois a subserviência não era com ele, tanto no terreno da estética quanto no da política. E assim é que morreu em 1972 em São Paulo, semi-exilado, já que seu modo de ser, liberal e anti-academicista, foi de encontro ao “establishment” português.

POETA ACIMA DE TUDO

A sua poesia é sempre superior à crítica e ao romance. Na crítica falta-lhe método. No romance é bastante artificial. *Adolescentes* é, como o próprio título indica, um romance sobre a adolescência. Artificial, ingênuo e até um pouco açucarado, *Adolescentes* apresenta pouco do talento de Casais. No romance de amor precoce entre André e Manuela, o maior personagem é o próprio autor. Este se retrata em todas as páginas, e não é difícil sentir os sonhos, as fraquezas e ambições do escritor e de uma geração, justamente a da “Presença”. É a própria adolescência do autor que aparece sem retoques, bastante inconformista é certo, mas muito piegas. Casais se penitenciou da obra e abandonou o gênero, dedicando-se somente à crítica e à poesia.

Na poesia está no seu “habitat”. Casais luta. Casais busca. Casais é incansável. A poesia de Adolfo Casais Monteiro procura o transcendental. Ele não é apenas o homem que procura, que faz a busca do impossível. O poeta se identifica nesse jogo louco e não dá tréguas à mente perturbada e original. Casais é um sonhador incorrigível e isso está patente em quase todos os seus versos: “Vai por aí fora, e deixa vir/ sobre ti o vendaval do inesperado!/ Deixa gritar as vozes da quimera,/ deixa clamar o apelo da loucura!”

O poeta repele a covardia. Se insinua e se insurge contra a acomodação. “És sangue e nervos e vontade e audácia! Cumpre-te”. O poeta nem por sombras admite o descanso intelectual. Há que procurar, até à loucura se preciso for. Pois que uma coerência interior faz caminhar o homem e oferece elementos ao poeta. A sua poesia *Anel Quebrado* contém toda a proposição existencial de Casais. O poeta desafia o homem. E o homem procura *cumprir* o “vendaval do inesperado”. O que impressiona o estudioso da obra de Casais, é que o homem procurou efetivamente ser fiel ao poeta. Talvez fosse melhor dizer que o crítico se ressentiu das “loucuras” do poeta, pois em seus ensaios sente-se a falta de uma metodologia. Perde-se um crítico, ganha-se um poeta. Não se julgue com isto que o ensaísta não tem obras válidas. Apenas a informalidade no criticar atenuou por vezes uma organização estrutural sempre necessária.

O CRÍTICO

Antero de Quental, Jules Superville, Fernando Pessoa, Manoel Bandeira e Drummond, foram alguns dos poetas que mereceram a sua atenção. O crítico Casais tem uma das melhores frases já feitas sobre o “leitmotiv” drummondiano: “O que acontece na poesia de Drummond é um romanesco subjetivo, é uma participação do cotidiano na vida de Drummond, e não da sua vida no cotidiano”. Esta é, sem dúvida, uma síntese admirável sobre o escritor de

Itabira, realmente um poeta que filtra mas não se integra no cotidiano.

Casais se debruça na obra de arte e tenta fazer crítica, aliás com certa insegurança. Para ele a crítica tem sempre um caráter de dependência da obra de arte, visto que a crítica lhe é posterior. “As idéias são ponto de apoio. Se as quisermos absolutas logo nos falham. O que interessa é uma coerência íntima”. Extremamente discutível, mas sem dúvida muito “presencista”.

Casais não acredita numa teoria da crítica visto que, segundo ele, há que “improvisar”. E improvisações o pensamento sistemático não permite. Ele tem uma esfera de valores particulares e é dos que encontram uma “aura” na obra de arte. E até pratica uma “heresia” corajosa ao insinuar que não vê uma função histórica na crítica de arte. Assim, segundo sua teoria, importa ao crítico o lado vivo da arte e não a sua posição na História. Assim, o historiador faz crítica, mas ele se limita ao “já cumprido”, o que limita seu objeto. É possível, através da História da Arte, localizar o objeto e situá-lo no contexto histórico. Pode-se pensar historicamente na obra de Miguel Ângelo e “ver” uma época. E não apenas pela estética que as obras do artista apresentam, mas também pelo que a obra revela no processo social. Mas Casais tinha uma visão crítica independente e completamente assistemática.

“A falsa educação ensina regras; a boa ensina a aprender”. Essencialmente preocupado com os valores humanos — ele mesmo se dizia um humanista — sempre se colocou contra regras limitadoras ou castradoras. Era um individualista sim e nunca adotou nenhuma filosofia em termos definitivos. Paradoxalmente preocupava-se muitíssimo com o social. Talvez não seja tão contraditório assim, pois que, como ele próprio dizia, o que importa é uma coerência interior. E essa Adolfo Casais possuía.